



Este n.º foi visado pela Comissão de Censura de
Viana do Castelo.

Semanário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, admo e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Eiras.—Editor —Julio de J. Giesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem est impilha 8\$000 rs. — Com esta impilha e para fóra 10\$000 rs. —
Brasil, (Meada forte), 30\$000 rs. — Colónias Portuguezas, 25\$000 rs. — Número avulso 200 rs. —
Pagamento adiantado. Redacção e ad administração —Rua Veiga Beirão, 7 a 9 —Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc. — Anuncios particulares: linha 70 c.
Comun. no reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação, 15 c. — Reclames a obras li-
terarias mediante um exemplar. Não se restituem original: não publicados.

À Ex.^{ma} Direcção das Obras Hi- draulicas.

Por diversas vezes, este ano, as aguas das chuvas têm invadido a principal rua de Espozende, a ponto de a tornar intransitavel a quem anda a pé e ameaçar os predios da mesma rua, mais baixos que o pavimento dela e que por vezes estiveram na contingencia de ser inundados.

Porque? Nunca, em Espozende, tal aconteceu. E' pela avenida Valentim Ribeiro que essas aguas inundam Espozende e é isso devido:—1.º a que para a Avenida são desviadas aguas, cujo caminho é outro—2.º porque os aquedutos da Avenida Valentim Ribeiro, não estão devidamente limpos—3.º porque em plena Avenida houve quem lançasse pedras no rego para elevar o nivel da água e fazer do local um lavadoiro.—4.º porque, junto do predio do nosso amigo Guilherme Mendes Oliveira, taparam uma regueira que tinha mais de um metro de largura, por muitos metros de comprimento—5.º porque junto do predio do Sr. Valentim Ribeiro da Fonseca, para fazer a vedação do predio do lado do nascente, collocaram no meio do rego dois esteios, que impedem a passagem das aguas—6.º porque os regos não foram limpos como é de lei—7.º porque não têm a largura nem a profundidade que a mesma lei manda, de fórma que a água, quando abundante, inunda as ruas, os quintais e as casas.

Ora estes serviços, salvo opinião em contrario, pertencem ás hydraulicas, que supomos têm cá no concelho empregados remunerados, mas que não recebem o dinheiro que ganham.

Se o respectivo empregado,

um dia que não tivesse que fazer, se lembrasse de vir a Espozende e examinasse o que por aqui se passa, convencer-se-ia da justiça que nos assiste e, principiando de um dos lados, intimava os proprietarios dos predios a cumprir as leis, obrigando-os a limpar e a alargar os regos, applicando multas a quem faz n'elles lavadouros e perguntando pela licença ao cidadão que tapou a regueira a nascente do predio de Guilherme Oliveira e ao que collocou os esteios contra o quintal da familia Valentim Ribeiro.

Fazendo seguir as aguas o seu giro, não consentindo nos desvios que a lei não permite, Espozende ficará livre das aguas de aluvião, que, sobre prejudicarem o transito na rua Direita, arriuinam a Avenida Valentim Ribeiro e deixam dentro de Espozende uma camada de lixo que é tudo quanto ha de menos limpo e higienico.

Se estas nossas palavras não sortirem o desejado efeito, cumpre á Ex.^{ma} Camara tomar as devidas providencias; e se ainda assim ao mal não houver quem dê remedio; a solução é ir ao local ou locais, pôr aquilo como estava, sem olhar a compadres e a interesses particulares porque todos temos obrigação de zelar os interesses da nossa terra.

Abram-se as regueiras.

Limpem-se os aquedutos.

Desobstruam-se os regos tapados sem licença ou por favor.

Retire-se dos regos o que lá não pode estar, e ficaremos em paz e livres das aguas que indevidamente nos prejudicam, porque não ha quem queira ver, e se vêem, não se importam.

Da Ex.^{ma} Direcção das Obras Hydraulicas chamamos a atenção para isto. Não pode e não deve continuar a ser inundada a principal rua de Espozende, por desleixo e falta de cumprimento dos deveres do empregado que essa repartição deve ter neste concelho.

UM ESPOZENDENSE.

De longe...

Um pouco do que se passa
no Brasil—A situação
dos portuguezes.

Meu caro Vieira.

Um sem numero de afazeres me tem controlado a existencia, e feito com que eu falte a alguns deveres; entre estes, o de estar em contacto com o povo da minha terra, no dever civico assumido de pugnar, por todos os meios ao meu alcance, pelo engrandecimento do rincão onde nasci e dei os primeiros passos; e pelos direitos dos seus filhos, que uma falange de feudos quer encarcerar.

Pela carta que o amigo me escreveu e que tem a data de 7 do 2, e ainda pela que recebi do nosso presado amigo, professor Manoel G. Viana,—o «juvenção», de coração transbordante de amor, que, anexado á sua alma de insigne artista, tanto sabe cantar a nossa terra, tornando-a querida, num estimulo sacrilego que os corações amolgam para o bem-querer,—senti a chaga sangrando de dor, e vi o caudal de lagrimas que foram vertidas pelo povo, com as desditas que a Natureza desabrida lhe proporcionou, aumentando-lhe, de cada vez mais, o feixe de miserias que vem carregando.

Queixa-se o meu amigo do meu silencio; o motivo já acima o descreminei.

A crise apavorante, assustadora, que a toda a hora joga para a rua centenas e milhares de pessoas, deixando-as sem recursos para se suster; e que, a mór-parte das vezes, sem tecto para se abrigar, nos deixa confusos quanto á certeza de sua moradia, é uma semi-resposta ao outro assumpto a que se prenhe de sua missiva. E' preciso notar que a área territorial desta cidade, é maior que todo o nosso districto.

Comtudo, vou me pôr em

contacto com eles para o fim almejado; pelo menos assim o espero.

(Continúa).

Armindo Eiras.

DE MUITO LONGE...

Em 1926, em um dos numeros do «Espozendense», referi-me ao grande poeta, eminente jurista e integerrimo juiz, que se chamou Dr. Vicente de Carvalho.

Vicente de Carvalho jaz na sua querida cidade de Santos, no cemiterio de Paquetá.

Santos, o grande emporio comercial brasileiro, fundado ha bons trezentos anos por Braz Cubas, «para eterna fulguração da historia e immorredoura gloria do pequeno Portugal...», tem sido um ninho de poetas.

Lá nasceram Alberto Souza e João Candido de Carvalho.

Foi este ultimo quem me apresentou, em 1913, ao altissimo vate—Dr. Vicente de Carvalho.

Pagando-lhe essa divida de gratidão, quero apresental-o hoje aos leitores do *Espozendense* e comprovincianos do seu saudoso pae (João Candido de Carvalho é filho de um honrado e probo portuguez, natural de Braga, falecido ha alguns anos).

Para suprir a deficiencia da minha penna bisonha, vou fazer essa apresentação pela phrase recta do auctor dos *Poemas e Canções*:

•CANDIDO DE CARVALHO

•Um santista que em Santos pouca gente conhece.

«Um poeta que não o parece—pela sua incorrigivel modestia.

«Candido de Carvalho só poderá ser levado á celebridade... á força; por seus pés e seu gosto não vai lá!

«Vive encauado no seu lar e no seu cargo de vice-director da Repartição Central da Policia; e só por comprazer com

CURIOSO FENÓMENO

Em S. João de Porto Rico (Estados Unidos), uma mulher branca que é casada com um preto, deu à luz tres gêmeos que apresentam a particularidade de um ser branco, outro mestiço e o terceiro negro.

CARTAS

Mariazinha.

Escrevo-te consternada. Hontem fui ao teatro a convite duma minha amiga. Era uma linda comedia que se representava, arrancando freneticos aplausos de todos os espectadores.

Que suaves momentos de alegria mas se passaram!

Mas não foi longo aquele nosso estado de alma, porque, num instante, quando ninguem o pensava, foi ouvida uma voz, anunciando incendio no teatro.

Eu só tive tempo de dizer à minha amiga que fugissemos e, num relampago, corri para a porta, encerrando nas escadas ingremes pessoas caídas que gemiam e esbarrando com uma onda de povo que se apertava para sair.

Com dificuldade pude atravessar aquela massa compacta.

Dentre tamanha desgraça, horrorosa e triste, ouviam-se vozes doces e meigas de crianças que chamavam pelos pais, lamentos de mulheres que invocavam o nome dos maridos, e imprecações dolorosas amaldiçoando o destino.

Só então me lembrei da minha amiga que impiedosamente tinha deixado só. A minha consciencia acusava-me de coarde e ingrata.

Quiz entrar para a procurar, mas não pude. A porta continuava fechada pelo povo que, comprimindo-se, nem saía nem deixava sair.

O fumo subia numa espiral negra para o ceu, e o tecto do teatro desabava com um estrondo horroroso, ficando só as paredes, negras e escuras, a denunciar o desleixo dos homens.

Dos cadaveres retirados reconheci o da minha amiga.

Beijei-o e fugi.

Cheguei a casa sozinha. Acendi a luz e fui para o meu quarto, unica testemunha de meus sofrimentos.

Quiz chorar muito alto, mas irmãosinhos orfãos estavam a dormir. Não devia despertar do sono bendito a inocencia que não sabe o que são dores do coração. Eles do que precisam é do trabalho do meu braço que é quem os alimenta. Nada me podiam fazer.

Eu só queria ter então uma pessoa amiga com quem abrisse o meu coração.

Encostei a cabeça, a arder em febre, sobre o travesseiro de minha cama que me servia de cadeira e caí numa crise de choro angustiosissimo.

Meus irmãozinhos, acordando, correram a perguntar-me o que tinha.

Lilil Lilil e choravam.

Mandei-os deitar, coitadinhos!

A familia! Não há como a familia!

Em toda a noite não pude conciliar o sono, adormecendo só ao ser dia, e quando acordei já a

plangencia dos sinos anunciava uma das maiores desgraças que tenho visto na minha vida.

Esta hecatombe deve-se ás escadas ingremes do teatro e á porta estreita que elle tinha.

Morreram 200 pessoas e ficaram feridas 130.

Amanhã vou ao funeral da minha amiga cumprir o ultimo dever e pedir-lhe perdão de a ter deixado sosinha.

Desculpa-me, Mariazinha, por te escrever estas cousas tristes, mas as amigas verdadeiras devem contar tudo o que passaram e sentem e foi isto o que eu passei e senti.

Tua amiguinha

Lili.

Joel de Magalhães

MEDICO
CONSULTAS

em Espozende das 9 ás 12,
e em Fão das 14 ás.
15 e meia horas.

CAMINHO DE FERRO

Informações fidedignas garantem-nos que está em via de solução o problema do Caminho de Ferro que mais interessa a Espozende ou seja a construção do troço POVOA-FÃO, já estudado, e o estudo do troço Fão-Espozende, que terá em curto espaço realisação.

Esperamos ver esta noticia confirmada oficialmente dentro de poucos dias, o que deve representar para Espozende o inicio de uma nova epoca de progresso.

Notas de 50 centavos

Pela administração do Banco de Portugal foi ordenado que sejam retiradas da circulação as notas de 50 centavos, chapa 1.^a —prata, até ao dia 30 de Abril proximo.

Automoveis de aluguer

Condute de luxo — 6 — logares

CARRO ABERTO

TRATAR NA HAVANESA
PREÇOS COHERENTES

«SERRAÇÃO DA VELHA»

Em tempo fazia-se esta festa ou cortejo tradicional, que caiu em desuso para se exhibir nas ruas da vila apenas com o demoniaco alarido dos *miudos*, clamando: *Sarra a velha!... Sarra a velha!...*

A sentença, —*serrar a velha* num *cortiço*, como era de usança na *mi-carême*, nunca tinha execução; ficava sempre suspensa até... ao ano seguinte.

Rejubilem as velhotas que não foram ainda á *desobriça*, por a sentença ter ficado, como sempre, adiada e apenas no berreiro dos *miudos*...

«O COMERCIO DE AVARÉ»

Visitou-nos gentilmente este apreciavel confrade brasileiro.

O *Comercio de Avaré*, fundado em 1910 pelo fervoroso patriota Francisco Dias de Almeida e que tem actualmente por directores e proprietarios os nossos distintos colegas paulistanos srs. Gualdino de Almeida e Euclides de Souza, presta na sua edição de 1 de Março uma carinhosa homenagem civica ao Dr. Julio Prestes e defende com entusiasmo a sua futura candidatura á presidencia da Republica irmã.

Saudamos o inclito camarada, com quem gostosamente estabelecemos a permuta.

IMPOSTOS CAMARARIOS

O sr. Ministro do Interior enviou ao governo civil de Braga uma circular para ser remetida a todos os administradores dos concelhos, em que pede com a maior urgencia o envio áquele ministerio das copias das actas respeitantes a impostos, a cobrança e quaisquer alterações, lançados pelos corpos administrativos no sentido de fixar e uniformizar o quantitativo dos mesmos impostos, para coartar os abusos, caso eles se confirmem, cujos ecos teem chegado até áquele ministerio.

DONATIVOS PARA O HOSPITAL

O Ex.^{mo} Snr. Antonio R. Alves de Faria enviou á comissão de senhoras que venderam os bilhetes, para o espectáculo em beneficio do hospital, a quantia de quinhentos escudos para pagamento do seu bilhete.

Bem haja pela sua generosa lembrança.

O Ex.^{mo} Snr. Manoel de Sá Pereira pagou os seus bilhetes que generosamente ofereceu para serem vendidos de novo.

O Ex.^{mo} Snr. Antonio Fon-

seca pagou o seu bilhete com 36 escudos

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Adelaide Sotto Mayor Correia de Oliveira pagou os seus bilhetes com 20 escudos.

DR. SEQUEIRA CAMPOS

Especializado em doenças de garganta, nariz, ouvidos, boca e dentes, abriu consultorio na antiga Rua de S. Sebastião n.º 6, em Viana do Castelo, este districto clinico, ha pouco regressado de França, onde nos hospitaes de Bordeaux esteve adquirindo conhecimentos da sua especialidade. Dá consultas das 10 ás 12 e das 14 ás 18.

EGREJA DAS MARINHAS

As obras de reconstrução e de vulto a que se procede nesta egreja e que a vão tornar num dos melhores templos paroquiais do concelho, demonstram exuberantemente o decidido esforço e a muita actividade postos ao serviço de tão importante melhora-mento.

Não se tem poupado a trabalhos a briosa Comissão que as dirige, ajudada pela maioria do povo que os secunda com uma boa-vontade que merece registro.

Ha dias foi acarretada a telha para a cobertura daquela egreja, sendo a *metida* feita, sem remuneração alguma, por varios marinhotos, em 18 carros que passaram ahi com ares festivos, enramalhados com verdes e flores.

AUTOMOVEIS DE ALUGUER

CONDUITES DE LUXO E CARROS ABERTOS

Tratar na mercearia de Artur Marques Henriques

DE

ESPOZENDE

PREÇOS

Barcelos	30000
Viana do Castelo	40000
Povoa de Varzim	40500
Braga	60000
Porto	80000

DENTRO DO CONCELHO

Fão	10000
Marinhas	10000
Palmeira	10000

Preços extra tabela.

Preços reduzidos, sem competencia
Espozende, 13 de Março de 1930

Desmazelo de certos pais ---Um intruso... como muitos.

E' de'vêras assombroso e revoltante ver como certos progenitores cuidam de suas filhas e de sua conducta, que se amesquinha, dia a dia.

Nesta vilã, e quem diz nesta vila diz tambem em cidades e aldeias, as imoralidades são o pão nosso de cada dia.

Ora sobre tal assunto, falemos de passagem do que se dá em nossa terra, visto que nos interessa.

E' do conhecimento de todos que certas donzelas, monoes, vagueiam pela rua da vila a toda a hora da noite, procurando com todo o descaramento e pouca vergonha os seus apaixonados, chegando até a fazerem-lhes uma perseguição em forma.

As mães ou os paes, indolentes e sem critério, é que são os culpados destas tristes realidades.

Na generalidade, aqueles nem sequer dão pela falta de suas filhas que a horas adiantadas da noite entram em casa, sem que ninguém lhes pergunte qual a causa e o motivo da sua ausência.

Este ostracismo, a que os paes lançam as filhas, acarreta sempre consequências funestas.

O remédio eficaz para a cura destas «cabecinhas-de-vento» era a justiça de Fafe, isto é, pegar num sobreiro e dar-lhes até dizer: basta!

Mas os pais, neste sentido, não estão para se encomodar.

Deixam correr tudo a somno solto

Cada qual governe-se,—dizem com os seus botões.

Se compreendessem bem os seus deveres, os pais destas infelizes tinham na mão o poder de obstar a muitas desgraças.

Mas, não acontece assim; os responsáveis da honra dessas levianas e grandes tolas dão tanta importância ao seu proceder como á primeira camisa que vestiram, deixando-as cair na desventura e mergulhar no abismo.

Depois do mal feito, tratam de pedir uma remuneração ao seductor de suas filhas, quando elles já as tem feito passar de mão para mão, como qualquer mercadoria.

Finalmente, amarram as mãos na cabeça, porque nenhum direito lhes assiste e o seu desmazelo anulou o direito de remuneração perante as leis.

Pará nós, que nascemos debaixo deste céu da Espozende, é penoso e digno de lastima que uma terra tão pequenina, como a nossa, nos dê a impressão de que vivemos num meio grande, onde as toleradas encontram de noite fácil acesso ao seu mister.

Estes espectáculos dão sempre uma triste ideia a todos os visitantes, os quais tomam o particular pelo geral.

E' nesta ordem de ideias chegam até a dirigir improperios a quem quer que seja, fazendo taboa raza de tudo.

Espozende não é o que muitos pensam; não é, repito.

Certo mystificador da vizinha cidade tem a mania de medir tudo pela mesma medida.

Há dias esse figurão rabiscou no «PIRELAU», de Braga, umas insolências a certos cavalheiros d'esta

vila. Esse sabujo, que aqui vem amiudadas vezes passar as suas horas de orgia, não tem hembriidade nem dignidade para levar os outros ao ridiculo.

E' um perfeito escroc e um de'vasso.

Quando aqui se encontra só se preocupa com o «bico» que nós já varremos de nossas cazas e que mais acolhimento não tem.

Frequenta os tascos e lá espêra, rodeado de côpos com vinho, essas infelizes, perdidas e já retiradas a margem.

Seria bom que o tal *mêco* se metesse com a sua vida e não enxovalhasse quem está muito acima da sua pessoa.

Limpe-se, eduque-se e corrija-se e se não quer, em qualquer oportunidade, ser corrido...

Espozende.

Q. M. R.

DESFAZENDO UM EQUIVOCO

Este cavalheiro, ou antes, (para não ser tão indiscreto como elle) esta senhora Mariuzinha, diz que para o Xavier não ha cerimonia, e aquelle compendiosinho que dantes custava 10 reis já não é preciso. Não vem contar novidade alguma pois já todos sabiam que elle, felizmente, não precisa, mas nem por isso, o autor desse livrinho, que tanta falta faz, não deve deixar de renovar a edição, nua vez que ela se e-gote, porque ha muito quem precise, ainda que com cabelos brancos.

Então a Mariuzinha não se recorda de o Xavier pedir licença ao entrar, e até pedir que lhe perdoasse pela diligente resposta?

Não lhe agradou a conversa que, durante algum tempo, travamos? E' possível que não, e a prova mais evidente é que a Mariuzinha fez como a cobra... Só veio com o sol de Março.

A Mariuzinha não fez, ao Xavier, algumas perguntas, ás quais elle respondeu? Já está esquecida, e não admira, porque enquanto ensina: *U, é, i, ó, ú, diabú fugiu a burra*, passam-lhe as coisas. Além disso, como nós di emos logo quem uma creatura é, quando a ouvimos falar e responder sózinha, aproximel-me da Mariuzinha para que os juizos dos outros fôsem erroneos a seu respeito.

E então scandalizou-se com aquella minha attitude philantropica?

Ou ha-de concordar comigo, ou então ha equívoco da sua parte, como eu creio.

—Olhe: Com respeito a latim, deixe lá isso para os Ciceros e Horacios, senão, dentro em pouco, fica grego de todo. E na idade já em que está, não será preciso estudá-lo, mas o irá pronunciando com o tempo, sem querer, e sem esforços mentais.

Diz se, e é certo, que para tudo se quere hora e tempo; e como essa hora e esse tempo, agora, difficilmente encontrarei, se alguma vez lhe não responder, já sabe porquê.

XAVIER.

RUA VASCO DA GAMA

Não é nesta rua, como erradamente fomos informados, mas na cangosta da Serralheira, lá ao cimo, que existe a tal represa e sua comporta.

E as inundações são originárias d'ali, de um desvio d'aguas para a cangosta ou calçada e que correm de aluvião para aquella rua, em dias chuvosos.

O curso das águas foi sempre por um rego foreiro que ali passa; preciso se torna fazelas voltar ao curso primitivo.

E sendo certo que a obra não constitue um abuso, pois foi autorisada e construida mediante licença camarária concedida ao proprietario que dela aproveita, o que parece é que se não previu o mal que de futuro produziria, e o resultado esta á vista.

Resta agora que a repartição hydraulica e a Câmara estudem o meio de se remediar esse mal.

JOAQUIM DO SACRAMENTO

ENGRAXADOR

Cal ado limpo pelos processos mais praticos e modernos usados em Paris

Quem se quiser avençar, o preço será de 8 escudos ao mês, sendo o serviço 3 vezes na semana.

Preço de cada engraxe—1 escudo.

O meu officio exerce-se na Praça da Republica em frente á HAVANEZA, onde me encontram todos os dias.

COLABORAÇÃO INFANTIL

RECORDANDO...

Rainava o sol num desses dias de Julho. Ao longe avista-se uma casa, pintada de branco, matizada com finas e belas arqutecturas feitas em granito.

Uma estrada conduzia até ao local do bello palacete coberto de telha francesa.

Reinava nesta manhã o maior silencio, a não ser o suave murmúrio das águas que corriam por um regato gulgando vales e todos os obstáculos que se lhes ofereciam. As arvores cheias de folhagem que não se mexia. Os passarinhos nos arvorêdos cantavam, exibindo o seu mais belo e variado repertorio.

Uma planície é por assim dizer o nosso tapete coberto com ervas verdes.

E' uma vida monotóna e ao mesmo tempo cheia de alegria e de prazer, para os verdadeiros apaixonados destas belezas.

São sete horas e meia da manhã e com um amigo meu de nome Henaique lá estavam a contemplar o panorama que se nos oferecia aos nossos olhos.

Principiámos a conversar e no meio da palestra Henrique diz-me: Oihá lá! Pudermos ir visitar aquelle palacete que vemos ao longe? Respondo eu: sim, porque não?

Metêmos a caminho e fomos parolando pela estrada, cercada de enormes arvores.

Depois de algum caminhar estavamss juntos do palacete. Descansámos uns minutos, sentados na relva.

Aproximámo-nos do limiar da porta e batêmos ás palmas. Passados cinco minutos vem um homem menos mal tra jado falar-nos.

Após algumas trocas de palavras retirou-se, vindo d'ahi a minutos com a devida licença para visitarmos o museu e não o palacete como até aqui lhe chamavamos.

Percorremos o museu desde a cabeça até aos pés, como é de costume dizer-se, e não podendo eu fazer uma completa descrição do que vi e admirei; no entanto não deixarei passar desapercibida a arte ali gravada como me provaram os inúmeros quadros pintados a oleo, de bons autores.

Depois de visitado o museu, demos alguma coisa ao gentil homem que sempre nos acompanhou, e viemo-nos embora, trocando as melhores impressões da visita.

Que ar sublime e fresco se respira nestas planícies verdejantes! Fica o transeunte encantado.

Nestas ingares esquecem-se todos os pezares, afrontas e tristezas, que só servem para darem cabo do homem e levá-lo á ultima morada subterranea, asfixiante e infinita.

Os moihos principiam a trabalhar lentamente, por falta de vento, que é coisa rarissima nestes dias encantadores de Julho.

A extensa planície donde a onde tem uma especie de jardim, com os seus túrtuosos canteiros; enfeitados com lindas plantas.

São dez da manhã. O meu amigo estava maravilhado com isto tudo.

O sol estava aquecendo tudo quanto estava sob o seu jugo.

Digo a Henrique: Ouvê!

Gritos e toques de sinos ecoam pela planície, mostrando corações aflitos que pedem socorro.

Eis qua é nossa admiração, ao fitarmos uma cabaninha ao longe, que se desfazia em chamas.

Apressêmos o passo, diz-me Henrique.

Já lá vamos, ora correndo como doidos na nossa fúria desastuina, ora parecendo voar como passaros

BLACK.

Aos lavradores

O Sindicato Agrícola de Viana do Castelo, no intuito de bem servir o numero avultado de socios que possui neste concelho, acaba de abrir no antigo armazem do Passos, no Fanico **Uma delegação, onde os associados do referido Sindicato encontrarão á venda os mesmos artigos que se encontram na Séde, ou seja: sal, adubos, sementes seleccionadas, arame e ferro para ramadas, instrumentos agrícolas, etc, etc.** Não deixem os nossos lavradores de visitar a referida casa, pois trata-se dum melhoramento indispensavel e que muito os pode beneficiar.

?

Espozendêsas

—Brevemente

AUTOMOVEL DE ALUGUER

EXPLENDIDO «MINERVA»—7 LOGARES BEM CONFORTAVES

CHAMADAS A QUALQUER HORA

ANTONIO DUARTE

Preços convidativos

MOBILIAS E DECORAÇÕES

AS MAIS MODERNAS E ECONOMICAS

A. BARBOSA DA FONSECA, F.

29, Rua Ferreira Borges, 45—PORTO